

Sem começo, meio e fim: o último romance de J.M. Coetzee

COETZEE, John Maxwell. *Diary of a Bad Year*. London: Harvill Secker, 2007. 231 p. ISBN 978184655120-8.

Thomas Bonnici

Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: bonnici@wnet.com.br

Diary of a Bad Year [Diário de um ano ruim. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.] é o décimo nono livro ou o décimo quarto romance do sul-africano John Maxwell Coetzee, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, em 2003. Embora a obra de Coetzee possa ser tentativamente dividida entre coletâneas de ensaios (como *Stranger Shores* e *Inner Workings*, respectivamente de 2001 e 2007) e ficção, esta última pode ser ainda subdividida entre a ficção calcada no ambiente de *apartheid* e pós-*apartheid*, com tonalidades pós-coloniais (*À espera dos bárbaros*, de 1980; *Foe*, de 1986; *Desonra*, de 1999) e aquela mais recente, estranhamente “autobiográfica” (*Elizabeth Costello* e *Homem lento*, respectivamente de 2003 e 2005), caracterizando o período pós-Nobel, no qual o autor se muda “definitivamente” para a Austrália. *Diary of a Bad Year*, parte do qual foi lida pelo próprio autor na FLIP de 2007, poderá ser incluído nessa última categoria, embora os romances de Coetzee sejam esquivos a qualquer classificação.

O protagonista do “romance” *Diary of a Bad Year*, John C, um autor sul-africano, branco, de 72 anos, atualmente morando na Austrália, foi convidado para escrever suas reflexões sobre a situação do mundo. A primeira parte, chamada “Strong Opinions” (talvez uma crítica a Nabokov e sua coletânea homônima de entrevistas) será uma das contribuições por vários autores a um livro que seria publicado na Alemanha; a segunda parte intitula-se “Second Dairy”, a qual a personagem Anya jocosamente chama “Soft Opinions”. Os ensaios versam sobre as suas opiniões (às vezes, esquerdistas; às vezes, jocosos, mas sempre iconoclastas), abrangendo temas como a universidade, a música, a literatura, a democracia, o terror, a tortura, a prisão de Guantânamo, a culpabilidade e vários outros assuntos, inclusive críticas a Bush e Blair e à vida política na Austrália. Todavia, Anya, uma filipina bonita de 29 anos (“[with] a derrière so near to perfect as to be angelic”), moradora do mesmo

prédio, entra na vida de John C, quando a contrata para digitar o manuscrito. O relacionamento entre John C e Anya tem profunda influência sobre a vida dos dois, transformando, inclusive, o relacionamento dela com Alan, o companheiro amoral com o qual ela vive. Empreendedor financeiro, trabalhando na ilegalidade, Alan tenta transferir as economias de John C para a sua própria conta bancária, mas desiste diante dos argumentos de Anya. Por sua vez, esta desenvolve profunda compreensão a um ancião que está rápida e inexoravelmente se aproximando da morte.

Não é fácil captar o enredo de *Diary of a Bad Year*, já que o romance é construído de três narrativas paralelas, visualmente localizadas por linhas que dividem as páginas do livro. A primeira estratificação, predominante, consiste em ensaios curtos e incisivos sobre a moralidade política, sexual e social da humanidade e, às vezes, sobre a literatura. Principalmente, versam sobre o tema da “vergonha herdada”. “Dishonour is no respecter of fine distinctions. Dishonour descends upon one’s shoulders, and once it has descended no amount of clever pleading will dispel it”. Verifica-se, contudo, algo muito estranho num romance quando o relacionamento “metafisicamente sexual” é menos interessante do que várias páginas de comentários críticos. Ao longo do romance, os ensaios tornam-se pedantes, já que não há nada novo sobre o qual outros ensaístas não tenham discursado. Todavia, não deixam de ser prova do talento do autor que é capaz de imiscuir opiniões filosóficas e assuntos corriqueiros, além de instigar reflexões sobre a angústia nos países democráticos e em diferentes circunstâncias ao redor do mundo.

A segunda estratificação refere-se aos pensamentos de John C durante o período em que os ensaios são redigidos, ou seja, a narração autodiegética visa mostrar o desenvolvimento de seu relacionamento com Anya (semelhante ao papel de Marijana, a enfermeira croata que cuida de Paul

Rayment, em *Homem lento*), a qual lhe proporciona assistência física e psíquica. Essa narração, descrevendo as emoções e as frustrações de John C, contrasta-se com os trechos cerebrais da primeira estratificação. Ressaltam-se suas experiências no contexto de seu corpo debilitado pela velhice, diante de uma mulher atraente para quem a vida intelectual vem em segundo lugar. “What has begun to change since I moved into the orbit of Anya is not my opinions themselves so much as my opinions of my opinions”. Na terceira estratificação, situada ao pé da página, encontra-se a voz (ou pensamentos) de Anya, a qual discursa sobre e critica as possíveis e latentes intenções eróticas (“a metaphysical ache”) de John C e sua extremada intelectualidade. Todavia, ela tem posição ética diante das propostas e atitudes fraudulentas de seu companheiro Alan e desenvolve uma atitude humanitária diante da velhice.

A inter-relação entre as três estratificações constitui o enredo desse “romance” no qual parece que Coetzee está mais interessado em sua relação com seus leitores do que na credibilidade e na caracterização de seus personagens. O leitor, sentindo-se manipulado pela forma diegética, pergunta-se quão engajadores poderiam ser os enredos ficcionais, quando comparados às relações mais imediatas entre o protagonista (com semblantes superficiais do autor) e sua platéia, de modo especial, quando ele se mostra “[as] some odd extinct creature [...] on the point of turning into stone”. A sutileza de Coetzee vem, em seguida, na declaração:

“Tread carefully [...] You may be seeing less of my inmost depths than you believe”.

O desenvolvimento do “romance” acontece entre a desconstrução das idéias polêmicas e a segunda e a terceira narrativas paralelas; a primeira, compreendendo anseios frustrantes típicos de anciãos, aproximando-se ao isolamento e à morte; a outra, exemplificando tudo contra o qual John C está se rebelando. Semelhante às estratégias usadas nos outros seus “romances”, na primeira década do século 21, é no ato da leitura que se percebe a linha movediça coetzeeana entre a mimese e a metaficção, por meio de “jogos” que revelam a percepção pelo autor do romance como forma flexível, repleta de possibilidades. Em razão de seu experimentalismo, essa abordagem pode não parecer ou ser bem-sucedida, embora não se possa acusar Coetzee de se mergulhar na insignificância e nas trivialidades. Todavia, o mapeamento dos nexos esquivos entre os ensaios, o solitário John C, a compreensão de Anya e a amoralidade de Alan produzem um “romance” altamente revelador e crítico da condição humanidade. Este *motif* é uma metodologia que o estica além da forma, muito mais do que aquela praticada nos seus romances mais recentes, fazem com que *Diary of a Bad Year* seja, talvez, o “romance” menos tradicional de Coetzee.

Received on January 16, 2008.

Accepted on may 28, 2008.